

## **Reflexões acerca do cenário socioeconômico em tempos de pandemia de COVID-19 no Brasil**

Rosângela Patrícia de Sousa Moreira

Ao romper do ano de 2020, ainda de forma tímida, o mundo começa a olhar para uma situação de comprometimento de saúde e contágio que surge numa cidade da China oriental. Não demorou muito, e antes do final do primeiro trimestre, o mundo se deparou com nações inteiras que se isolaram em seus espaços mais íntimos, em busca de proteção, e desta vez, não importava se era civil ou militar: todos estavam em perigo, frente ao inimigo viral, mas de tamanho poder, que faz com que suas vítimas sucumbam pela falta do que há de graça para todos: o ar! Isso porque a infecção, quando avançada, compromete as vias respiratórias, levando a óbito o paciente. Assim, o vírus reconhecido como Covid-19 se apresenta como o principal sujeito que mudaria todo cenário mundial em seus distintos setores, fossem eles políticos, econômicos ou sociais.

Ao olharmos a situação atual por um viés geopolítico, o fechamento das fronteiras para evitar o “contágio importado”, o que começa a partir do mês de Março de 2020, não acontece desconexo de outros fatores. Isso por que não eram apenas “fronteiras fechadas”, mas “dutos de circulação de capitais” em suas diferentes esferas e propriedades. A liberdade de circulação foi podada sem aviso prévio, o que surpreendeu viajantes de todo mundo e em todos os lugares do mundo, os quais estavam despreparados e desamparados frente a uma ameaça sanitária.

Segundo uma pesquisa divulgada por um site de notícias, até o dia 31 de Março de 2020, cerca de 143 (cento e quarenta e três) países já tinham fechado suas fronteiras. Esta ação acarreta, dentre outras implicações, em milhares de viajantes impedidos de continuar seu deslocamento, o que gerou impacto direto no setor de turismo mundial, além de uma tensão sobre a incerteza do destino de pessoas que estavam em trânsito.

Neste sentido, o isolamento social abriu também uma fenda entre a interferência do Estado frente ao que já se tem na Constituição Federal de 1988, em seu Art. 5º, XV “é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens”, sobre as responsabilidades do próprio Estado em zelar pela saúde pública.

Assim, a medida iniciou também o processo de contenção da economia, pois mercados de capitais ligados ao terceiro setor foram impedidos de circular e multiplicar valores. Linhas de produção vistas como não essenciais, reduziram ou pararam seu funcionamento. O comércio em seus vários segmentos teve suas portas fechadas, bem como todos os setores da educação, seguindo a recomendação de evitar aglomeração e circulação de pessoas nas ruas.

O ritmo de vida e das relações voltadas à economia foi desacelerando até registrar números mínimos em todo país, com apenas alguns setores classificados como essenciais em funcionamento. E na balança da saúde versus economia, manter o equilíbrio era com certeza, incerto.

### **Economias em recessão**

Cabe aqui ressaltar que, antes mesmo do surto da pandemia, a situação cambial da moeda brasileira já estava debilitada frente ao dólar, um cenário de desvalorização que se arrasta há alguns anos. O que significa dizer também que, estrategicamente, investidores tendem a repousar seus investimentos em países que apresentam menor risco de aplicação, conferindo maior confiabilidade e demonstração em saber lidar com crises internas. Neste caminho, mesmo outros países também sendo afetados pela Covid-19, investidores buscam a segurança refletida na economia sólida, como dos Estados Unidos. Diante da pandemia, não é apenas a visão de desvalorização de moedas como a brasileira está sofrendo perdas, mas é o dólar americano, por ter uma base econômica mais resistente, que se fortalece diante de outras moedas.

Seguindo esse caminho a economia tende a sofrer uma recessão global maior do que a vivida em 2008, e beirando a impactos mundiais perto da grande crise de 1929. Como toda recessão econômica, com ela surgem também outras formas de buscar o retorno à normalidade, mas talvez, o setor que apresente a recuperação mais lenta seja exatamente o que tem sua essência ligada a mobilidade em transitar por vários países ou mesmo regionalmente, ou seja, o setor do turismo.

### **As TICs e algumas situações sociais na produção e consumo**

Em tempos de isolamento social, a mudança no ritmo diário da sociedade sofre mudanças. A mais visível está no setor de produção e serviços, com destaque para a ausência de circulação de pessoas para espaços educacionais ou de consumo.

Quase que de forma imediata, intensificamos algo que já estava presente no cotidiano de muitas pessoas, sobretudo, daquelas que residem no espaço urbano: compras pela internet e serviços *delivery*. Este último, agora impulsionado pela necessidade de atender o consumidor local e isolado em suas casas. Porém, o nível de acessibilidade à internet ou mesmo aos telefones celulares, não é uma realidade de toda sociedade, e em cidades pequenas, a situação se torna ainda mais limitada.

Nos setores educacionais, a discrepância se torna mais enfática, pois de um lado, os estudantes da rede privada passam a ter encontros virtuais com seus professores, via plataformas que permitem a interação e beiram o aprendizado esperado diante do cenário vivido. Mesmo que em alguns casos, a adaptação tenha sido de forma abrupta, buscando manter essa simbiose do ensino-aprendizagem, buscou-se manter a rotina de encontros diários, seguindo os planos de ensino previstos no início do ano letivo de 2020.

Mas do outro lado, o que dizer dos estudantes da rede pública, com unidades em condições precárias de funcionamento, e que não vislumbram as menores possibilidades de aulas online, seja pela própria estrutura escolar ou mesmo pela sua situação de vulnerabilidade social? É a realidade da maioria dos estudantes do Brasil que dependem da rede pública para sua formação educacional, e esse cenário é reproduzido nas suas diferentes etapas, seja ela Infantil, Ensino Básico ou Superior (graduação).

Infelizmente, as condições ambíguas de vida e de educação são reflexos da situação econômica discrepante e presente em vários pontos deste Brasil, e nestes termos, pensar em acesso a educação online para todos, torna-se algo relativizado em meio às reais condições deste grupo.

A desigualdade social no Brasil impõe diferentes enfrentamentos da Covid-19 por parte da sociedade, mesmo num período em que o mundo virtual se apresente de forma tão evidente. É visível que o acesso às redes de informação e comunicação não acontecem de forma linear e que pessoas de uma mesma cidade e até bairros, apresentam condições socioeconômicas distintas, o que reverbera situações de um país que detém regiões díspares de crescimento econômico, o que Milton Santos e Maria

Laura Silveira (2011) já classificava como os Quatro Brasis, numa perspectiva a partir do “meio técnico-científico-informacional”.

Essa discussão sobre a importância das tecnologias na sociedade contemporânea já circula os centros acadêmicos e se tornou objeto de pesquisa de muitos cientistas no Brasil e fora dele também. Há muito já apontavam para a importância do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC, e elas nunca foram tão presentes e necessárias para manter o funcionamento de parte das ações diárias como nos dias atuais.

Isso explica a quantidade de pessoas se debruçam em espaços virtuais de aprendizagem, *chats*, redes sociais, páginas comerciais e outros exemplos que nos levam a perceber a presença das TICs como elo entre produção, consumo, aprendizagem e redes de amizades. Economicamente, as TICs, sobretudo a internet aliada às indústrias inteligentes, estão se revelando o grande caminho para as relações comerciais no cenário vivido mundialmente, sendo percebido nas relações de compra e venda de mercadorias, bem como na produção de Equipamentos de Proteção Individual – EPI, através de máquina de impressão em 3D.

### **Reflexões inconclusas**

O mundo, em pleno século XXI, não está preparado para grandes catástrofes, sobretudo quando estas estão relacionadas a situação de calamidade, voltada à saúde pública. Isso é um fato e aqui estamos de testemunha!

A humanidade, tão preocupada com seus avanços tecnológicos, pesquisas, dinheiro, enriquecimento a partir dos princípios do capital, está sendo abatida por uma situação infecciosa a partir da inadimplência de hábitos de higiene e respeito à saúde do próximo. A Covid-19 chegou em vários países do mundo e atingiu a população sem distinção de cor, gênero, classe social, ou idade.

Nações inteiras acostumadas com o fervor de suas avenidas e praças lotadas de transeuntes viajantes e comerciantes locais, tiveram que dar espaço ao vazio e ao silêncio. Cidades passaram a se comportar como se estivessem inseridas em tomadas cinematográficas, ora pelo vazio exigido nos espaços comuns, ora pelas cenas de correria aos mercados, expressando a existência do medo e da incompreensão acerca do momento.

O que temos aqui no Brasil são homens e mulheres responsáveis pelo funcionamento da engrenagem econômica do país, empregados do setor formal ou brasileiros que buscam em diferentes pontos nas ruas da cidade, na esfera da informalidade comercial, o sustento diário para sua casa: cada um convivendo com realidades distintas durante a pandemia, mas comungando preocupações que norteiam assuntos como a educação de seus filhos, a manutenção de seus empregos/fonte de renda, a necessidade de voltar a uma dada normalidade...

Da mesma forma como tudo isso começou de maneira imprevista, não há como determinar o seu fim. Mas algumas coisas podem ser levadas em consideração ao final da tempestade conhecida como Covid-19, que varreu milhares de vidas pelo mundo: a) as pessoas irão procurar cuidar mais de sua saúde, para além das relacionadas a problemas pré-existentes, mas cuidar da saúde higiênica, física e mental; b) as relações de trabalho e valorização das atividades serão reconsideradas, pois o mundo aprendeu a dar valor aos pequenos serviços, que se apresentaram essenciais à manutenção da sociedade, tais como a simples presença de um agente de limpeza pública, vendedores ambulantes ou entregadores de mercadorias.

Cada um desempenha um papel importante da economia e para vida na cidade, tanto quanto outros profissionais graduados; c) as relações econômicas em nível de país, tenderão a avaliadas diante das decisões políticas internas que cada país assumiu durante a pandemia. Estas decisões mostraram ao mundo o poder de liderança frente a crise epidemiológica e sua atenção à nação; d) ficará evidenciado os pontos fracos e de necessária atenção que o governo deverá trabalhar para buscar a equidade social no país; e, e) nunca a necessidade de abraçar e estar perto das pessoas amadas teve tanto sentido e significado, pois a vida tem muito valor, valor este que não pode ser cotada por moeda alguma.

## **Referências**

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

SANTOS, Milton. *Território e Sociedade no início do século XXI*. Livro vira-vira 1 / Milton Santos [e Maria Laura Silveira]. Rio de Janeiro; BestBolso, 2011

MACEDO, Fausto. *Covid-19 e os impactos nas relações de consumo do segmento de turismo*. 2020. Disponível <https://www.politica.estadao.com.br>. Acesso em 13. Abr. de 2020

Países da América do Sul fecham fronteiras por causa do coronavírus. Poder 360, 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/paises-da-america-do-sul-fecham-fronteiras-por-causa-do-coronavirus/>. Acesso em: 13 abr. 2020.